

EDUCAÇÃO

A socióloga francesa Andrée Michel condensou as pesquisas mundiais da Unesco sobre estereótipos em livros e manuais escolares que enquadram a mulher em papéis secundários. O livro será lançado na próxima terça-feira em São Paulo com a presença da autora.

Por ELIZABETH SIGOLI

IGUALDADE SE APRENDE NA ESCOLA

Maria é uma linda garotinha loira, de olhos azuis. Muito boazinha e meiga, brinca de casinha com suas amigas. Quando crescer, vai casar-se e ter muitos filhos. Pedro, seu irmão, é um aluno muito inteligente. Gosta de jogar futebol e também já ganhou uma medalha no campeonato de natação. Quando crescer, vai ser piloto de avião.

Que tal trocar tal texto de apresentação de personagens num livro dedicado a crianças por este outro?

Maria e Pedro são irmãos. Os dois têm cabelos pretos, só que os olhos dela são castanhos e os dele são verdes. Ambos são alunos dedicados e gostam de andar de bicicleta. Junto com outros meninos e meninas de seu bairro vão ao cinema aos domingos. Cada um deles pensa em ter uma profissão no futuro: um menino quer ser mecânico; outro, advogado; uma menina quer ser médica; outra, secretária.

De tão acostumado a aceitar condicionada e irrefletidamente os estereótipos sexuais, o leitor poderá concluir, à primeira vista, que a diferença entre os dois enunciados consiste apenas numa opção do autor direcionada por sua liberdade de criação. No entanto, um questionamento mais amplo a respeito dos termos simples que figuram nos dois textos é capaz de dimensionar-se ao ponto de se formular uma tese sobre a discriminação sexual que grassa nas mensagens dirigidas ao público infantil.

Vale a pena conferir: enquanto Maria é exibida por seus traços físicos de beleza, Pedro é um atleta, pois exerce para isso; enquanto ela mostra um caráter submissivo e dócil, ele é inteligente e competitivo; enquanto ela está fazendo a cumprir o tradicional papel de doméstica, ele pode alçar vôo em busca de uma profissão. Já na segunda versão, as crianças são apresentadas com seus traços físicos característicos, partilham de brincadeiras comuns, são estudantes e cada um terá igualmente o direito de escolher o seu futuro profissional.

Uma sutil questão humanista de enfoque, capaz de mudar não apenas dados do conteúdo de uma historinha infantil, mas da própria história da humanidade, se for acatada pelo sistema editorial a nível internacional. E convém frisar, logo de início, que desse vez o assunto não foi levantado apenas por um bando de feministas exaltadas, na inventiva de um novo tema para desfaldar sua bandeira de cores frequentemente esmaecidas. Trata-se de um assunto de fôro universal, que ganhou o respaldo de seriedade da Unesco.

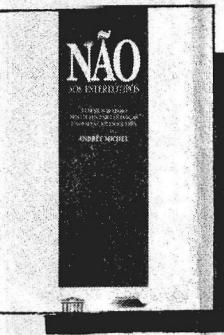
Preocupada com a proliferação de exemplos como o do primeiro texto em livros para crianças e manuais escolares de países de todo o mundo, a Unesco iniciou, em 1981, um programa de estudos destinado a investigar a questão dos estereótipos sexuais nessas publicações. Os resultados e as conclusões desta extensa pesquisa, realizada em sete nações de continentes, raças e costumes diferentes, como China, França, Kuwait, Noruega, Peru, República Socialista Soviética da Ucrânia e Zâmbia, foram condensados por Andrée Michel, diretora do Centro Nacional de Pesquisa Científica de Paris.

Eis que nos é apresentado agora o trabalho crítico dessa socióloga francesa: *Não aos estereótipos — Vencer o sexismo nos livros para crianças e nos manuais escolares*, cujo impacto reside justamente na facilidade de aplicação das propostas nele contidas, se houver, é claro, maleabilidade e boa vontade para a empreitada. Autorizado pela Unesco, o Conselho Estadual da Condição Feminina de São Paulo encarregou-se de lançar a obra, sem conseguir, contudo, aproveitar melhor a concessão desse precioso direito editorial, pois não se capacitou a inserir no volume um anexo sobre o abuso dos estereótipos sexuais, que instigam à inferiorização da mulher, nas publicações infantis brasileiras. De qualquer forma, os educadores e editores que tiverem acesso ao livro certamente não ficarão insensíveis à problemática.

Pode até mesmo sentir-se estimulados a mudar o panorama buscando o apoio dos agentes que controlam os sistemas educacional e editorial do país.

Para iniciar essa tarefa, devem, antes de mais nada, desvendar plenamente o conceito de sexismo, tal como é delineado pela autora. Segundo Andrée Michel, sexismo e racismo têm muitos pontos em comum. Ambos se sustentam por atitudes discriminatórias, que se inoculam através de preconceitos, farta e abertamente distribuídos na forma de estereótipos. E os sistemas educacionais têm se mostrado um dos meios mais eficientes para promover a sua absorção na categoria de padrões sociais vigentes e, como tais, quase dogmáticos para manter o "bem-estar comum". Exemplos dessas duas situações estigmatizantes não precisam ser procurados com lupa nos livros dedicados à infância. São freqüentes imagens visuais ou escritas da babá negra (racismo), da enfermeira ao lado do médico, da secretária a serviço do executivo, papéis que dificilmente são invertidos (sexismo).

Assim, enquanto o sexismo incute, de um lado, o enquadramento da mulher num papel secundário, desvalorizado, desfavorecido, empobrecido, o racismo promove, de outro, o afastamento das etnias indesejáveis. Ambos



livros didáticos e de historinhas infantil-juvenis.

Atentos à problemática há mais tempo, educadores e autoridades de alguns países dispensaram-lhe um tratamento especial, que, se ainda não é absolutamente ideal, no mínimo oferece alguns resultados concretos. Na Ucrânia, por exemplo, a pesquisa encorajada pela Unesco revelou que, na literatura infantil do país, mulheres e homens são igualmente representados como seres responsáveis, generosos, assumindo papéis sociais e profissionais, sem que os textos ou imagens resvalem para a caracterização da superioridade física, intelectual ou moral de um sexo sobre o outro.

Já diz sabiamente o ditado popular que "é de menino que se torce o pepino". Esse preconceito vulgar pode ser lembrado aqui no seu duplo sentido: em primeiro lugar, porque a escola constitui um grandioso instrumento de divulgação de ideias, que serão assimiladas e consumidas pelo resto da vida; em segundo, porque é chegado o momento de posicionar adequadamente a mulher, tanto para ela mesma, como para o parceiro, de modo que ele seja capaz de complementar a vivência dela, entendendo suas potencialidades, seus desejos, suas habilidades, enfim a sua totalidade como ser.

Princípios elementares, portanto, que devem ser destilados sabiamente através de uma educação à infância com bases humanistas,

descartando os estereótipos sexistas, venenos

tão fortes, segundo a socióloga francesa, que

levam o espírito humano a funcionar de maneira binária, "atribuindo às mulheres qualidades e fraquezas que são negadas aos homens, ao mesmo tempo que estes se vêem cumulados de qualidades e defeitos que são negados às mu-

lheres".

Delimitando mais precisamente o quadro, a autora aponta os estereótipos mais comuns inculcados na criança pela sociedade. Ei-los:

não permitir a meninos e meninas iguais oportunidades em termos de educação e de escolha

individual de tarefas; reprimir as emoções dos meninos; preparar as meninas apenas para o

papel da maternidade, enquanto o menino é

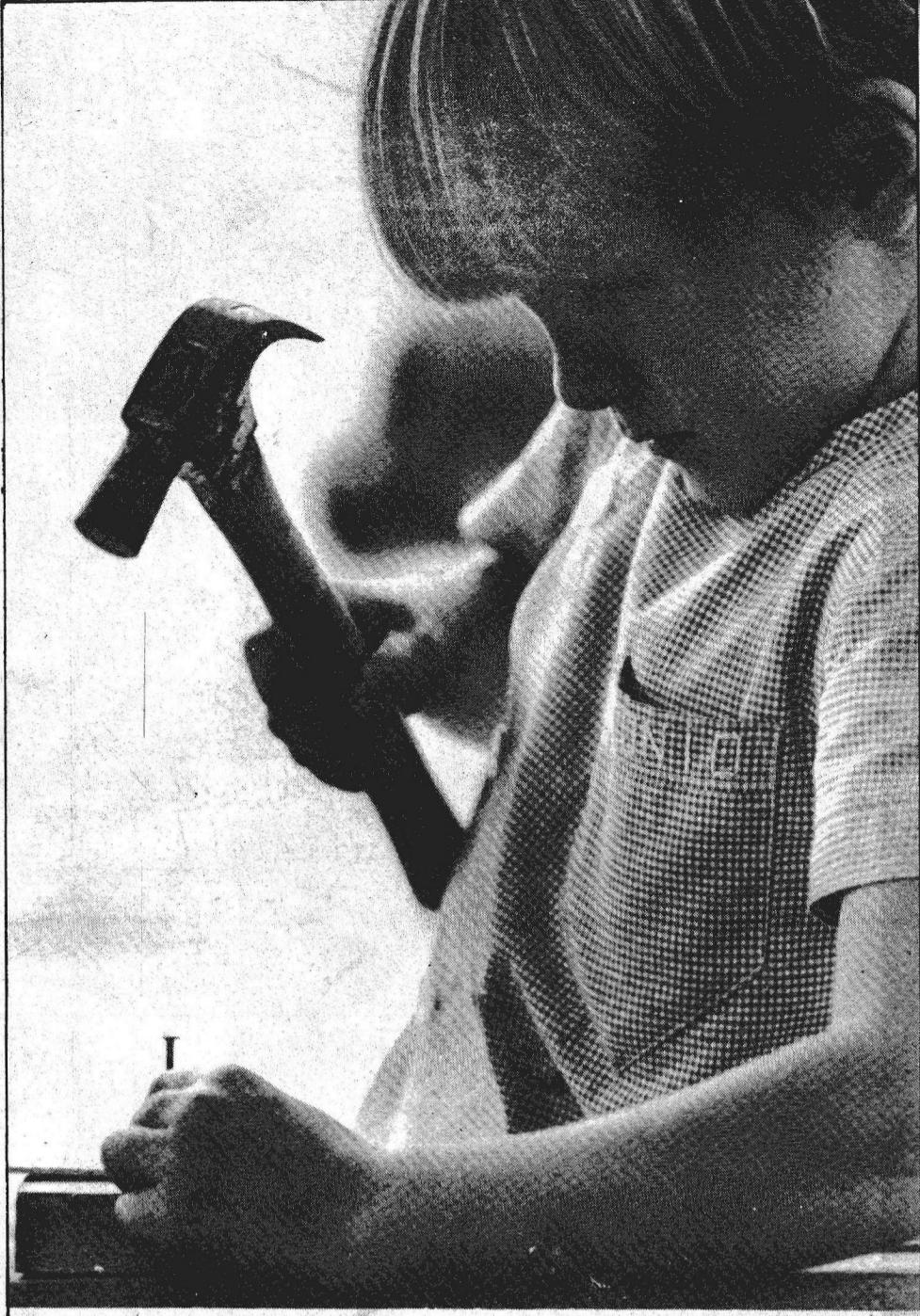
encaminhado para obter o sucesso social e

por aí afora. Reafirma a seguir a imperiosa

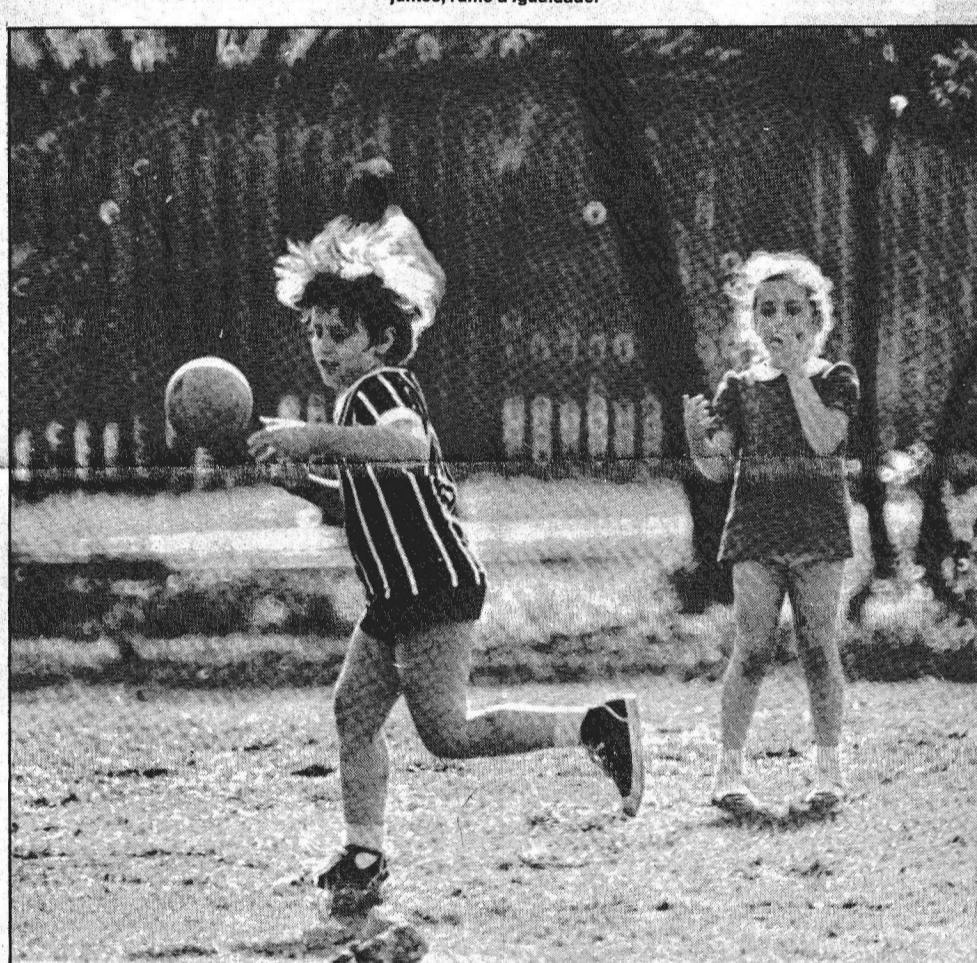
função social do estereótipo, que é a de "legitimar, aceitar e justificar a situação de dependência, subordinação e desigualdade das mulheres na sociedade", tarefa competentemente desempenhada pela família, pela escola, pelos grupos de companheiros de infância, pelo mercado de trabalho, pelo mundo político, pelos meios de comunicação e sustentada particular e avidamente pelos



Brinquedos diferentes: meninos e meninas brincam separadamente.



Estereótipos: carpintaria é serviço de homem. No futebol, a menina só assiste. À esquerda, brincando juntos, rumo à Igualdade.



se público específico. Para atingir esse objetivo, o Comitê Nacional da Cultura e Artes para Crianças mantém uma reunião plenária, que congrega diretores de departamentos de cultura de todas as províncias, os responsáveis pelas respectivas administrações centrais, os escritores e ilustradores de todas as regiões da China, ampliando o debate permanente sobre o assunto.

Já nos Estados Unidos, o magnata editor McGraw-Hill criou um guia para um tratamento igualitário de ambos os性nos nos manuais escolares, que serve como referência para autores e ilustradores não desviarem rumo a distorções sexistas. Importante mencionar que Andrée Michel anexou este guia ao seu livro, o que pode contribuir para o início do processo de eliminação dos estereótipos sexistas em editores de qualquer país do mundo. Atenção, precaução no zelo pela igualdade entre os seres humanos são as recomendações básicas dadas neste guia.

Infelizmente são exemplos esporádicos, que ainda não ganharam a dimensão internacional que a discussão comporta, tendo em vista os males que tal estereótipo causa à coletividade em geral, chegando mesmo, em alguns casos, a comprometer o desenvolvimento intelectual das meninas. É o que se depreende do fantástico relato de Andrée Michel: "Diversas pesquisas revelaram que a evolução dos testes gerais de inteligência, em função da idade das crianças, varia segundo o sexo. As meninas americanas em idade pré-escolar, certamente porque ainda não estão inteiramente condicionadas pelos estereótipos de inferioridade da mulher, obtêm melhor resultado do que os meninos nos testes gerais de inteligência. Se acompanharmos, entretanto, as mesmas crianças no decorrer de seus anos de escolaridade, perceberemos que os meninos progredem mais rápido do que as meninas e, ao chegar ao curso secundário, são eles que obtêm maior sucesso nos testes de

inteligência". Pode até tratar-se de uma conclusão alarmista, partidária demais, mas, de qualquer forma, o resultado da experiência merece reflexão cuidadosa.

Sen dramatismos exacerbados, a proposta de revisão da socióloga francesa deve ser digerida e assimilada com todo o vigor e respeito, uma vez que a abolição do sexismo significa melhores condições para que meninos e meninas desenvolvam suas potencialidades. Como aponta ela, a família nuclear hoje não é o único modelo de convivência entre pais e filhos existente na sociedade. Os diferentes estilos de vida, adotados não só devido a aspectos econômicos, mas também a opções individuais, precisam ser divulgados, para que a criança tenha uma visão mais íntima da realidade. "Calcula-se — pondera ela — que no mundo existe hoje a proporção de um lar em cada três, onde a mulher é chefe de família", mas os autores de livros nem sempre simplesmente a mencionar ou a comentar o assunto.

Embora repetitiva em muitas passagens, a autora deve ser perdoada nesse sentido, pelo caráter didático e prático que quis conferir à obra. Facilitar a transformação é o objetivo de seu trabalho e, para tanto, decidiu enumerar exhaustivamente os recursos que podem ser postos em ação para agilizar e promover essa humanização da sociedade. Um tanto utópico talvez para o momento emergente no Brasil, sua proposta certamente se viabilizará no decorrer do tempo. Afinal, um novo século desponta e é sempre tempo de rever a postura que garantirá uma melhoria da qualidade de relacionamento entre indivíduos dos dois sexos.

Mais importante do que chafurdar nas recaídas feministas radicais do livro é conferir e assimilar o seu caráter realista. Felizmente não se trata de mais uma proposta teórica, mas pronta para ser aplicada. São inúmeros os modelos de transformação que Andrée Michel apresenta a nível da família, da escola, do mercado de trabalho, do poder público, de editores, ilustradores, meninos e meninas. Anexa questionários montados para ampliar a pesquisa sobre o assunto, tipos de ilustrações positivas e negativas em relação ao sexismo, comentários de outros educadores conscientes. Enfim, fornece a munição completa para pôr fim à guerra dos sexos. E, para fazer calar o mais cedo possível tristes comentários como este, registrado no relatório de uma pesquisa sobre sexismo nos livros infantis franceses: "ei-los, meninos e meninas, etiquetados, cristalizados, obrigados a conformar com a imagem imposta, inculcada daquilo que se espera deles. Ei-los, se não prontos para todos os preconceitos e discriminações, no mínimo prontos para banalizar a desigualdade dos sexos, a fim de simplesmente melhor perpetuá-la".